

## Discurso neoliberal e trabalho acadêmico: o paradoxo de se denunciar a violência vivida

*Neoliberal discourse and academic labor: The paradox of exposing the violence one experiences*  
*Discurso neoliberal y trabajo académico: la paradoja de denunciar la violencia vivida*

**João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio**

Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Maringá, Paraná, Brasil

[lubachevskijoao@gmail.com](mailto:lubachevskijoao@gmail.com) | <https://orcid.org/0009-0007-4948-3305>

**Matheus Viana Braz**

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Maringá, Paraná, Brasil

[mvbraz@uem.br](mailto:mvbraz@uem.br) | <https://orcid.org/0000-0003-1193-9753>

### Resumo

Este ensaio teórico-reflexivo problematiza como o discurso neoliberal atravessa o trabalho acadêmico e conforma subjetividades, produzindo o paradoxo de uma escrita que, ao denunciar a violência do desempenho, também se submete às regras que critica. Pautando-se no conceito de Discurso Foucaultiano, dedica-se a compreender os efeitos colaterais do discurso neoliberal no campo do trabalho acadêmico, onde a responsabilização do sujeito, individualização da culpa, culto à performance, dentre demais sintomas, influenciam subjetividades das mais diversas e adoecedoras formas. Com isso, visa-se compreender o trabalhador acadêmico como sujeito imerso nesse processo, mas também como potencial agente de resistência.

**Palavras-chave:** Discurso; Foucault; Neoliberalismo; Trabalho; Universidade.

### Abstract

*This theoretical-reflective essay examines how neoliberal discourse permeates academic work and reshapes subjectivities, producing the paradox of a writing that, while denouncing the violence of performance, simultaneously submits to the very rules it criticizes. Grounded in Foucault's concept of discourse, the essay seeks to understand the collateral effects of neoliberalism within academic labor, where individual responsibility, the personalization of blame, the cult of performance, and other symptoms shape subjectivities in diverse and harmful ways. In doing so, it aims to understand the academic worker as a subject immersed in this process, but also as a potential agent of resistance.*

**Keywords:** Discourse; Foucault; Neoliberalism; University; Work.

### Resumen

*Este ensayo teórico-reflexivo problematiza cómo el discurso neoliberal atraviesa el trabajo académico y conforma subjetividades, produciendo la paradoja de una escritura que, al denunciar la violencia del rendimiento, también se somete a las reglas que critica. Basándose en el concepto foucaultiano de discurso, se dedica a comprender los efectos colaterales del neoliberalismo en el campo del trabajo académico, donde la responsabilización del sujeto, la individualización de la culpa, el culto al desempeño y otros síntomas inciden en las subjetividades de formas diversas y generadoras de sufrimiento. Con ello, se busca comprender al trabajador académico como sujeto inmerso en este proceso, pero también como potencial agente de resistencia.*

**Palabras clave:** Discurso; Foucault; Neoliberalismo; Trabajo; Universidad.

---

Artigo recebido em: 23/01/2025 | Aprovado em: 15/10/2025 | Publicado em: 16/10/2025

### Como citar:

SAMPAIO, João Pedro Lubachevski Borges de; BRAZ, Matheus Viana. Discurso neoliberal e trabalho acadêmico: o paradoxo de se denunciar a violência vivida. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 15, p. 1-14, e47210, 2025. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2025.v15.47210>.

## 1 Introdução

O ato de falar está precedido por outras determinadas falas; quando questionamos, argumentamos ou afirmamos algo, sabemos que nossa fala está sujeita a um conjunto de regras implícitas ou explícitas. Sabemos que não temos o direito de dizer tudo, “que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1996, p. 6). Assim, lidamos com sistemas de controle, instituições e outros discursos que interditam enunciações diversas das prescritas, sendo antecipadas e autorizadas – ou não – por elas (Foucault, 1996). Aí também já perceberíamos um certo desnivelamento entre discursos.

Em suma, pode-se supor que há, regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer (Foucault, 1996, p. 12).

Em um exemplo tosco, fica evidente que uma previsão do tempo, expressa em um “acho que vai chover”, tem consequências menos significativas do que “I have a dream...”, “Imagine all the people”, as propagandas nazistas ou as obras de Vincent Van Gogh. Independente do juízo de valor que se faça, há discursos complexos, axiológicos na construção de sociedades, de pensamentos e de outros discursos, assim como há discursos corriqueiros que, enfatiza-se, não duram muito mais que o momento em que são pronunciados.

O discurso estaria, à primeira vista, no ver e no falar; mas poderia ser pensado no vestir, no performar, no gesticular, nos estereótipos sociais etc. São diversas as formas de se materializar o discurso. Entretanto, quando se trata de processos de subjetivação – o que aqui nos interessa –, o falar é priorizado em virtude de sua espontaneidade (Faé, 2004).

Falar é fazer alguma coisa – algo diferente de exprimir o que se pensa, de traduzir o que se sabe e, também, de colocar em ação as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série preexistente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso que implica condições (e não somente uma situação, um contexto, motivos) e que comporta regras diferentes das regras lógicas e linguísticas de construção (Foucault, 2008). Dessa forma, é entre o pensar e o falar, nesse interstício, que se localiza o poder do discurso, seu controle. Há um filtro muitas vezes imperceptível por quem fala, mas que se dá, talvez, exatamente por essa não consciência.

Aí, podemos notar o presente artigo como um paradoxo. Aqui há uma escrita sujeita a normas muito bem estabelecidas, produtora e reprodutora de discursos. Foi orientada, treinada, disciplinada, censurada, interditada, limitada e autorizada – ou não – a se realizar através de uma validação acadêmica. Certamente, alguém “sem autoridade”, fora dos padrões, com uma “escrita não culta”, sem normas – “anormal” –, ou que simplesmente se negasse a seguir as normas da ABNT, raramente conseguiria se fazer ouvir ou penetrar no discurso acadêmico. Sua produção seria interditada, não é difícil convencer o leitor disso.

Pensando a constituição do sujeito diante disso, como a dialética entre o campo do trabalho e seus discursos também o constitui, é que entendemos o dentro como dobra do de-fora, ou seja, “posições que se diferenciam apenas por espaços temporais, num mesmo campo geográfico” (Faé, 2004, p. 409). Entre elas, vê-se “um movimento contínuo [...] onde os sujeitos e a sociedade, atravessados pelas práticas discursivas, se transformam na continuidade um do outro” (Faé, 2004, p. 409). O trabalhador, seja ele qual for, (inclusive o acadêmico, de trabalho intelectual pouquíssimo valorizado no Brasil, diga-se de passagem), é produzido e também produz os discursos que o formam. Portanto, não fica difícil concluir que compreender os discursos do campo do trabalho é também compreender os lastros das subjetividades que nele se inserem.

Localizamos certos padrões discursivos na subjetividade contemporânea, “cicatrizes” do atravessamento do discurso no sujeito. O “trabalhe enquanto eles dormem”, coloniza o sono, impõe o chamado “culto à performance” e também se torna uma espécie de pista para compreendermos o que de fato é produzido pelo discurso atual.

Poderíamos, então chamá-lo de neoliberal, de performático, de pós-moderno, enfim, traçar diferentes perímetros para tentar analisá-lo. Tratando-se do campo do trabalho, entretanto, o neoliberalismo talvez fosse o perímetro mais interessante para uma análise. O discurso neoliberal seria um discurso liberal atualizado, reciclado, eficiente em formar um indivíduo não mais doutrinado e adestrado pela negatividade de uma disciplina, mas pela positividade de um desempenho, individualizando e responsabilizando o sujeito por seu “próprio fracasso” (Han, 2017).

O neoliberalismo, por sua vez, poderia ser caracterizado como “um momento da história dos processos do capital, com ênfase em uma perspectiva globalizada e na produção de uma nova sociabilidade, isto é, na produção de indivíduos ‘empreendedores de si’” (Mordente, 2023, p. 23). Em outras palavras, o discurso neoliberal iria para além da teoria ou práticas político-econômicas, adentraria a esfera da vida privada, ditaria modos de vida, mediaría as relações sociais e, para além disso, culminaria nas mais diversas patologias. Além disso, poderíamos compreender o neoliberalismo também como uma ênfase renovada nos princípios utilitaristas da escolha, eficiência e maximização dos lucros; pelo aumento exponencial da insegurança no mundo do trabalho, da instabilidade econômica, da competição de mercado, da predisposição a assumir riscos e da flexibilização e descentralização da cultura corporativa; pelo acirramento da mercantilização do simbólico e do imaterial, no que se incluem as identidades, os sentimentos e os estilos de vida; e pela consolidação de um ethos terapêutico que situa tanto a saúde emocional como a necessidade de “realização pessoal” no centro do progresso social e das intervenções institucionais (Cabanis; Illouz, 2022).

No meio disso, a universidade se vê em um paradoxo de, ao abordá-lo, seja pela via econômica, social, filosófica, psicológica, sanitária, dentre outras e diversas áreas, denunciar algo que penetra em seu interior. O trabalhador acadêmico submerso no discurso neoliberal vai, muitas vezes, reproduzindo algo que “problematiza”, a partir do momento em que tal “problematização” se vê também refém do ritmo de produção e demandas adoecedoras. A “camisa de força” vira “vestir a camisa”, ditando novos modos de dominação da subjetividade dos trabalhadores, cada vez mais convocados a ter um “fit cultural” com a “empresa”

onde trabalham. O presente artigo dedica-se à compreensão de como a sujeição da Universidade ao discurso neoliberal adere à produção de um determinado ideal de sujeito, bem como seus efeitos colaterais no trabalho acadêmico. Metodologicamente, trata-se de um ensaio teórico de natureza crítico-reflexiva. O argumento articula contribuições de Michel Foucault (discurso, verdade e subjetivação), Byung-Chul Han (sociedade do desempenho e patologias da positividade) e de algumas problematizações feitas Edgar Cabanas e Eva Illouz em *Happycracia*, confrontando-as com o contexto brasileiro do trabalho acadêmico.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Neoliberalismo acadêmico

O trabalho acadêmico brasileiro, às margens dos interesses sociais, desprovido de incentivos governamentais, sofre, para além de tudo isso, também de uma culpabilização individualista neoliberal. “Essa ideologia, que transforma a política educacional em uma política de adaptação ao mercado de trabalho, é um dos principais caminhos para a perda da autonomia da escola e da universidade” (Laval, 2019, p. 87).

Vemos um certo utilitarismo e imediatismo do discurso neoliberal nortear a formação de futuros trabalhadores, deixando-a cada vez mais tecnicista, mas, para além disso, também podemos testemunhar o cansaço do trabalhador acadêmico, ou o seu fracasso. Cansaço por conta de uma possível tentativa de submissão aos padrões neoliberais de desempenho e performance. Fracasso, por conta de seu trabalho exigir minuciosidade, dedicação e principalmente, seu produto final muitas vezes exigir tempo hábil para ser materializado.

A alta concorrência, o indivíduo endividado, a memorização de conteúdos, dentre outros aspectos, dariam cada vez mais o tom do ambiente acadêmico contemporâneo (Teixeira, 1999; Deleuze, 2008). Este, seria cada vez mais submisso à uma lógica de valorização do capital, encontrando no modelo empresarial as respostas para se adequar “melhor” ao discurso neoliberal, onde “a liberdade individual e empresarial, a propriedade privada e a competição se apresentam como princípios organizadores da sociedade” (Mordente, 2023, p. 24).

Nisso tudo, “uma outra relação entre o indivíduo e a empresa é aqui promovida e consiste menos em adestrar que em estimular a implicação” (Ehrenberg, 2010, p. 79). O Lattes lotado de publicações e produções, voltado para quantidade e menos para a qualidade, vai radiografando a pressa e a pressão neoliberal também presente no trabalho acadêmico. O trabalhador acadêmico inserido nesse contexto se vê como uma engrenagem submetida à esse sistema, mas que também atua em sua reprodução, colaborando para a aceleração de seu ritmo. Se vê muitas vezes denunciando o dano à sua própria saúde.

Isso acontece por conta de seu próprio processo de subjetivação se dar através de uma relação com esse discurso, com um modelo ideal do trabalhador moderno. Determinadas subjetividades se destacam— ou têm mais possibilidades — a depender do grau de alinhamento com os discursos de sua época, são

selecionadas ou excluídas com base no seu grau de conformidade com o discurso. Para compreendermos os processos de subjetivação do trabalhador acadêmico inserido no discurso neoliberal, precisamos partir na noção de que tais processos ocorrem sob um discurso. A subjetividade tem uma relação íntima com o discurso por conta de nela própria materializarem-se os “*paterns*” discursivos; em outras palavras, o ato de falar, como vimos anteriormente, está precedido de diversas outras falas.

O desejo diz: Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém (Foucault, 1996, p. 5).

## 2.2 Subjetividades acadêmicas neoliberais

Essa subjetividade, assunto ao qual nos dedicamos, é então vista como “o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade.” (Foucault, 2016, p. 13). Foucault utiliza do termo “verdade” e o desmembra em diferentes conceitos em sua obra. É possível observar, primeiramente, uma conceituação de verdade “disciplinar”, ou seja, qualquer preposição, antes de ser declarada como verdadeira ou falsa, deve seguir com as exigências complexas para que se encontre “no verdadeiro” ou, em outras palavras, pertença ao conjunto de uma disciplina (Foucault, 1996, p.18). Em suma, podemos entender a “verdade”, também enquanto um discurso.

Novamente, o artigo presente se faz no paradoxo de ser produzido em meio ao ritmo da verdade neoliberal sobre o qual disserta e que visa denunciar. Longe de ser o único, são diversos outros trabalhos acadêmicos que denunciam as condições nas quais foram feitos, ou que, de alguma forma, fazem parte daquilo que abordam. Aí, revistas científicas se tornam registros de uma certa “hipocrisia da razão”.

Essa racionalidade deformada, limitada, sinaliza o advento de uma forma de pensamento e de um estilo de ação perverso, já antecipado no século XVIII pelo marquês de Sade, ao dizer que, se o homem fosse totalmente livre, seria livre para se vender, conduzido à “venalidade generalizada” (Enriquez, 2006, p. 5).

Subjetivar-se implica também estar dentro “d’o verdadeiro”, se inserir nele de algum modo a fim de que possa vir a ser sujeito. Ou o indivíduo se ajusta às exigências do poder, ou é por elas ajustado. As verdades neoliberais, suas certezas

e afirmações atuam imperativamente também dentro do ambiente acadêmico, que as vai tomando enquanto principais referências para seu modo de trabalhar.

Foucault refere-se ao “discurso” como “ora domínio geral de todos os enunciados, ora grupo individualizável de enunciados, ora prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” (Foucault, 2008, p. 90). Aqui não nos preocupamos tanto sobre conceituação, o que nos interessa é que entender o discurso implica uma compreensão maior sobre o terreno no qual se dá o processo de subjetivação.

É partindo do discurso neoliberal de desempenho que Han (2017) propõe a imagem da vítima e do carrasco se encontrando em um mesmo processo de subjetivação, elaborando sobre as patologias neuronais contemporâneas, das quais não há um sistema imune que possa combatê-las. Em outras palavras, é o próprio corpo que se submete à lógica que o adoce, o próprio indivíduo se exploraria livremente pela lógica neoliberal.

Ao patologias encontradas no meio acadêmico radiografam a sociedade do cansaço de Han. Esgotamentos, depressão, ansiedade, a consequente medicalização da vida, além de outros “estados patológicos devido à um exagero de positividade” (Han, 2017, p. 14), são efeitos colaterais do discurso da pressa, da aversão ao ócio, do “tempo é dinheiro”, da produtividade, da performance, da excelência e de tantos outros “mandamentos” característicos do trabalho contemporâneo.

A título de ilustração, esse quadro dialoga com evidências recentes sobre sofrimento e adoecimento psíquico, sobretudo, na pós-graduação brasileira, que indicam a centralidade de dinâmicas institucionais e avaliativas na produção do mal-estar (Facci *et al.*, 2024). A pesquisa realizada com 135 pós-graduandos revelou que as principais dificuldades enfrentadas dizem respeito à conciliação entre trabalho e estudos, à falta de tempo, às tensões na relação com orientadores, às dificuldades financeiras e à solidão própria da atividade de pesquisa. Quase metade dos respondentes relatou problemas de saúde nos últimos 12 meses, com destaque para ansiedade e depressão, diretamente associados a cobranças excessivas de produtividade, à baixa valorização das bolsas e à instabilidade das condições de formação.

Esses achados empíricos reforçam que o sofrimento não é tão somente resultado de fragilidades individuais, mas opera como efeito colateral da articulação entre exigências acadêmicas crescentes e precarização estrutural, tributárias, em última instância, ao discurso neoliberal. Segundo Han (2017, p. 27) “o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. [...] a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida”. O trabalho acadêmico influenciado pelo discurso neoliberal seria repleto de depressão e de outras patologias neuronais por conta da dinâmica discurso-subjetividade que nele acontece. “O sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É o senhor e soberano de si mesmo.



Assim, não está submetido a ninguém ou está submetido apenas a si mesmo” (Han, 2017, p. 29).

Na ânsia por se tornar *hiperprodutivo*, *hiperperformático*, ter um *hiperdesempenho* e ser *hipersaudável* para que não pereça e não *pare*, é que a depressão atinge o trabalhador neoliberal, “no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais *poder*. Ela é de princípio um *cansaço de fazer e de poder*.” (Han, 2017, p. 29). Trein e Rodrigues (2011, p. 787), chegariam a alegar que esses e outros fatores fariam do conhecimento uma mercadoria sedutora, porém degradante da vida acadêmica, geradora de todo um mal-estar, como uma sereia que afoga aqueles que encanta. O desejo de se produzir um conhecimento vivo e transformador, se depararia com a conformidade “às formas, aos objetivos e às finalidades postos pela força social hegemônica”.

Não obstante, o discurso neoliberal, também adentra ao olhar da saúde, quando este, ao contrário de socializar e politizar uma dor coletiva, associada ao discurso, individualiza ainda mais e atua em prol de uma conformidade com o padrão discursivo vigente, impedindo que surja a diferença.

A psicologia ignorante ao discurso neoliberal pelo qual também é atravessada (afinal, trata-se sempre de processos de subjetivação), passa a também perpetuá-lo quando profissionais passam a atuar “como ‘arquitetos da acomodação’ ao preservar o *status quo*, e não como agentes de mudança sociopolítica”, com uma atuação acrítica e desprezando as dificuldades estruturais do mundo atual (Cabanas; Illouz, 2022, p. 127). Dito de outro modo:

É a psicologização dos problemas que se coloca em prática. Uma instituição e uma organização não são menos organizadas ou geridas dentro dessa concepção. Se elas fracassam, é sempre ao indivíduo que a responsabilidade é imputada (Enriquez, 2006, p. 6).

A “cartilha”, evidentemente, não produz apenas essa espécie de “ideal de eu”, de “*I-deal*”, mas também pune, exclui, formata, intercede das mais diversas formas sobre outros discursos, ou outros modos de ser contrários a esse *status quo*. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10).

Aí outra perspectiva se abre. Ao invés de uma “hipocrisia da razão”, podemos também enxergar a tentativa de algo novo, uma espécie de luta, de jogo de forças que atuam e refletem sobre esse discurso hegemônico neoliberal.

Se para Byung-Chul Han (2017) a depressão seria sintoma do fracasso do indivíduo que não mais pode poder, há também uma espécie de tentativa em aceitar o mais completo “fracasso neoliberal” na libertação da excelência que faz o indivíduo transgredir a si mesmo, aos seus próprios limites.

Em nível coletivo, “trata-se de reencontrar um convívio, o prazer de estar junto, de conversar longamente, de afirmar sua diferença cultural, [...] reconquistar

uma dignidade que perderam” (Enriquez, 2006, p. 8). Entretanto, é justamente esse retorno em absoluto a um resgate de dimensão coletiva que faz emergir nacionalismos de comunidades que se desejam estáticas (Enriquez, 2006). Conseguimos ver isso diariamente, inclusive abastecendo uma concorrência e uma competição neoliberal as quais inicialmente se rebelava.

Em nível individual, veem-se cada vez mais pessoas que se voltam à sua própria identidade, que cuidam apenas de ‘si’, de sua vida privada, de seus investimentos cotidianos, de sua família. O homem, então, não se sente mais fazendo parte de uma espécie humana e não participa mais do trabalho da civilização. Considera os outros apenas obstáculos ou objetos de prazer (Enriquez, 2006, p. 8).

A problemática disso habitaria no efeito colateral de que, ao se reconhecer singular, o indivíduo passaria a desprezar os outros, ser indiferente ou intolerante à diferença, de modo que o outro não encontraria mais espaço (Enriquez, 2006; Han, 2021).

Tornando-se um “zumbi de desempenho” (Han, 2017, p. 29) morre a arte, a dança, o canto, o esporte, os sonhos, os hobbies, dentre outros fatores que constituem aquelas “práticas de si”, em prol de um atendimento às expectativas neoliberais. Gradativamente promove-se escassez da vida.

Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade.

Essa escassez da vida vai também impactando as relações. Com o outro tendo um papel de indiferença ou intolerância. Han nos apontaria sobre o impacto do discurso neoliberal nas relações sociais. No discurso neoliberal o sujeito de desempenho é tão voltado para si mesmo que chega a ficar esgotado de si, sendo vítima e algoz ao mesmo tempo, não precisa desse *outro* negativo que lhe imponha as normas e diretrizes, ele já é adestrado suficientemente pelo imperativo da liberdade, pelo “*seja livre*”, “*seja feliz*”, pelo “*empreenda*”, “*supere*” e “*consiga*” (Han, 2017).

O outro é quase aniquilado no narcisismo social de se empreender a si mesmo. Em uma era onde a concorrência é generalizada, individualizante e culpabilizante, o acadêmico, em realidade, só concorre consigo mesmo, sendo único responsável pelo seu sucesso ou o seu fracasso (Han, 2021). Para Han, a depressão seria uma enfermidade narcísica. “O que leva à depressão é uma relação consigo mesmo exageradamente sobrecarregada e pautada num controle exagerado e doentio. O sujeito depressivo-narcista está esgotado e fatigado de si mesmo” (Han, 2021, p. 10).

Nessa angústia paranoica em que se encontra, o trabalhador acadêmico se vê em estado de alerta, precisando narcisicamente se superar a cada dia em para atingir metas, publicações, resultados, leituras, além, é claro, da “alta” produção científica muitas vezes apenas sendo uma regurgitação mascarada de um mesmo



trabalho, tudo em prol de um desempenho neoliberal que preza pela quantidade e pouco pela qualidade ou mesmo, a ética. Vemos a insatisfação com o “projeto” de si mesmo, o indivíduo cansa de viver em prol de um *sobreviver* narcísico, um mero viver onde apenas se produz, performa e desempenha, passando a procurar uma saída para o discurso que paira sobre si e o formata (Han, 2021). Diante disso, o trabalhador acadêmico (mas não só ele)

se torna desamparado e deprimido, motivos para recorrer às drogas para manter-se de pé e ter o sentimento de ser criativo. O estresse permanente que assalta os atores sociais lhes impede de serem criativos (desenvolvimento do conformismo), e eles acabam por mergulhar na mediocridade, na “insignificância” (Enriquez, 2006, p. 9).

Independentemente da fuga que se adota, é certo que a tentativa de mudança existe e que a insatisfação de uma espécie de “corpo coletivo” é testemunhada por sua hipostenia. Tudo isso faz com que reflitamos sobre o estado do “corpo acadêmico”, quem é esse trabalhador hoje? Como se diferencia do trabalhador convencional? Qual é o estado de saúde daqueles que pesquisam e trabalham em prol da Saúde? Cabe, talvez, por fim, resgatarmos Alan Moore:

Ouvi uma piada uma vez: Um homem vai ao médico, diz que está deprimido. Diz que a vida parece dura e cruel. Conta que se sente só num mundo ameaçador onde o que se anuncia é vago e incerto. O médico diz: “O tratamento é simples. O grande palhaço Pagliacci está na cidade, assista ao espetáculo. Isso deve animá-lo.” O homem se desfaz em lágrimas. E diz: “Mas, doutor... Eu sou o Pagliacci” (Moore, 2019, p. 27).

Ao estilo Pagliacci, falamos sobre produtividades, desempenhos, performances e cansaços neoliberais. Denunciamos um “de fora” que ecoa em alto e bom som no “de dentro”. Nas tentativas de mudanças, talvez deixemo-nos ser reféns, procurando apontar aquilo que nos prende e restringe, trabalhando para que artigos, dissertações e teses venham a ser espécies de manifestos, evidências e testemunhos do custo dos tributos que pagamos para fazê-los emergir.

Diante do que foi exposto, o trabalhador acadêmico se percebe enquanto o próprio objeto de estudo, portanto, não se analisa de fora, mas sim de dentro, depara-se com o paradoxo de ser também um processo de subjetivação quando disserta sobre processos de subjetivação. Quebra-se com uma imparcialidade científica, com uma suposta neutralidade aferida à figura do “cientista”, de uma suposta autoridade que estaria acima ou simplesmente não seria afetada por esse jogo de forças. Ao contrário, o “autor”, o “acadêmico” ou o “cientista” não está alheio a tudo isso, é também parte de um discurso, também produz um certo discurso, também se constitui enquanto processo de subjetivação e, ao abordar o discurso neoliberal, a saúde dentro do ambiente acadêmico, o que significa esse ambiente e demais discursos que possam adentrá-lo, testemunha sobre o próprio processo de subjetivação.

Escreve-se com uma certa noção de que isso que produz também se insere no jogo de forças que constitui o discurso. Logo, é uma escrita que escreve sobre si

mesma e subverte-se a si mesma, não deixando de ser assim, uma escrita sobre o próprio processo de subjetivação, uma confissão da própria subjetividade.

Outras questões, para além do discurso neoliberal, também inferem no trabalhador acadêmico. Em um país como o Brasil, de pouquíssimos incentivos financeiros quando se trata do trabalho intelectual, contribui para que, de certa forma, o discurso neoliberal penetre ainda mais nas mais diversas esferas da vida. Por exemplo, em 1996 o país já flertava e dava uma amostra do futuro dos incentivos à educação: a nova Lei de Diretrizes e Bases [LDB] seria associada ao neoliberalismo; a democratização da educação, além de não garantida pela lei, seria ofuscada pela proliferação das escolas técnicas, interessadas em atender as demandas do mercado, onde, mais uma vez, a educação era deixada de lado em prol do adestramento do sujeito (Aranha, 2020). Ainda que existam leituras divergentes sobre os efeitos da LDB, pesquisas mais recentes apontam que sua implementação abriu caminho para a introdução de mecanismos de mercado na gestão escolar, reforçando uma lógica de avaliação por desempenho e eficiência. Nesse sentido, Mordente & Portugal (2024) mostram como tais políticas consolidaram subjetivações neoliberais no campo educacional, contribuindo para a transformação do ensino público, doravante subordinado a critérios empresariais.

De lá pra cá poucas mudanças são atestadas. Há um apostilamento do ensino que culmina em formações acríticas, desprezo pela teoria em prol de um utilitarismo, bem como outras políticas educacionais que se mostram cada vez mais inclinadas ao discurso neoliberal, onde um modelo de gestão escolar é pautado na avaliação do desempenho, eficiência e produtividade (Mordente, 2023).

Tudo isso se reflete nos dias atuais com o evidente “enfraquecimento do caráter público do sistema educacional concomitantemente à promoção e intensificação da participação do setor privado. Esse cenário implica a introdução de mecanismos de mercado na gestão e organização das escolas” (Mordente; Portugal, 2024, p. 5). Aí, a ascensão do neoliberalismo faria com que Foucault versasse sobre o *homo economicus* que, na positividade neoliberal, torna-se o empresário de si mesmo, é seu próprio capital, seu próprio produtor, e a fonte de sua renda (Foucault, 1984-2008). Cada vez mais, por essas e outras razões, veríamos esse novo modelo de sujeito ser colocado enquanto um ideal. Para corresponder a esse ideal, os trabalhadores acadêmicos de hoje deveriam ser empresários de si mesmos, com habilidades administrativas e organizacionais, demonstrando iniciativa, adaptação, autoestima, confiança, dentre outras *competências* para alcançar seus potenciais (Cabanas; Illouz, 2022). Assim “um número cada vez maior de associações privadas e públicas, *think tanks*, consultores, conselheiros de políticas públicas e rede globais que buscam ‘aproximar professores, estudantes, pais, universidades associações de caridade, empresas e governos’” (Cabanas; Illouz, 2022, p. 118) agem na aproximação de uma educação em conformidade com o neoliberalismo.

A equação é grande, mas o que podemos afirmar é que o discurso neoliberal e suas violências atingem o trabalhador acadêmico de modo

significativo. Aliado com a precarização das condições desse trabalho que realiza, ele atravessa o ensino em suas mais diversas camadas, se fazendo presente cada vez mais precocemente na vida pregressa à universidade, sendo absoluto em cursinhos, ensino médio e mesmo fundamental, adestrando futuras subjetividades a ele subordinadas.

### 3 Considerações finais

Este ensaio buscou problematizar como o discurso neoliberal atravessa o trabalho acadêmico, conformando subjetividades e produzindo um paradoxo: a escrita que denuncia a violência do desempenho é a mesma que se submete às normas que critica. O trabalhador acadêmico, portanto, não fala de fora, mas de dentro do próprio processo de subjetivação. A análise evidenciou como o discurso neoliberal articula-se às exigências de produtividade, instaurando um regime de trabalho no qual os trabalhadores são permanentemente convocados a performar. Articular a noção foucaultiana de discurso e subjetivação com as leituras de Han e com a crítica de Cabanas e Illouz permitiu ainda compreender como o neoliberalismo não apenas organiza práticas institucionais, como também modela modos de vida e afetos dentro da universidade.

Ao longo do texto evidenciamos, também, o paradoxo de uma escrita que denuncia a si mesma. Ao tentar realizar alguma mudança, essa escrita se subordina às mesmas regras que questiona, pagando tributo às normas acadêmicas que a validam. Reconhecer esse limite não significa paralisar a crítica, mas afirmá-la como gesto político: uma tentativa de fissurar o discurso hegemônico a partir de dentro. Este artigo não deixa de ser, portanto, um esboço e uma confissão — mas também uma aposta em possibilidades de resistência. Se o discurso neoliberal produz corpos esgotados e subjetividades adestradas, resta ao campo acadêmico reinventar espaços de cuidado e produção de conhecimento que escapem, ainda que parcialmente, às lógicas de desempenho e de mercantilização da vida.

### Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- EHRENBERG, Alain. **O Culto da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2010.
- ENRIQUEZ, Eugène. O Homem Do Século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 5, n. 1, Art. 10, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/raeel/a/Rq474m7CnFTX4KQsNcskF3j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2024.
- FACCI, Marilda, Gonçalves Dias; Filho, Armando Marino; Monteiro, Patricia Verlingue Ramires; Silva, Sílvia Maria Cintra da. O sofrimento e o adoecimento psíquico na pós-graduação: a unidade afetivo-cognitiva. **Cadernos de Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 1-29. jan./mar.

2024. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v31n1.2024.14>. Disponível em: <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Acesso em: 29 ago. 2025.

FAÉ, R. A Genealogia em Foucault. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/SmBLvMwckWdZthfBJPNXBcM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2024

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: Martin Fontes, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2017. 128 p.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

MOORE, Alan. **Watchmen**. Ilustrações de Dave Gibbons. Tradução de Alexandre Callari. 2. ed. São Paulo: Panini Books, 2019.

MORDENTE, Giuliana Volfzon. **Neoliberalismo escolar e processos de subjetivação: como a educação “inovadora” opera?**. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MORDENTE, Giovana Volfzon.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. Neoliberalismo escolar: Subjetivações submissas da educação brasileira. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 27, p. 1–25, 2024. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.27.23175.036. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/23175>. Acesso em: 30 set. 2024.

TEIXEIRA, Anísio. A crise educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 80, n. 195, p. 310-326, mai./ago. 1999a. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/116>. Acesso em: 17 set. 2024

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na Academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 48 set.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mm7qsk7QXtTLHKD6DqdR5Kv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2025

## Informações complementares

### Financiamento

Não se aplica.

### Contribuição de autoria

**Concepção e elaboração do manuscrito:** João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio e Matheus Viana Braz

**Coleta de dados:** João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio

**Análise de dados:** João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio

**Discussão dos resultados:** João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio

**Revisão e aprovação:** Matheus Viana Braz

#### Verificação de similaridades

O artigo foi submetido ao iThenticate, em 8 de maio de 2025, e obteve um índice de similaridade compatível com a política antiplágio da revista Pesquisa e Debate em Educação.

#### Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

#### Conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

#### Conjunto de dados de pesquisa

Não há dados disponibilizados.

#### Utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Este artigo não contou com auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para redação de nenhuma das seções.

#### Licença de uso

Os autores cedem à Revista Pesquisa e Debate em Educação os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### Publisher

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Educação (FACED), Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP). Publicação no Portal de Periódicos da UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### Editor

Frederico Braidá

#### Formato de avaliação por pares

Revisão duplamente cega (*Double blind peer review*).

#### Sobre os autores

##### João Pedro Lubachevski Borges de Sampaio

Graduado em Psicologia (UNICESUMAR). Especialista em Psicologia Clínica Junguiana (UNINGÁ). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6279397037077472>

##### Matheus Viana Braz

Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNEPS). Mestre e Doutor em Psicologia pela mesma instituição. Professor do Departamento de Psicologia (DPI) e do

Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2840916206231985>